

**A VIDA É ASSIM**

## SUMÁRIO

TUDO ACONTECE AGORA PELA PRIMEIRA VEZ,.....	03
VALE DO SOCAVÃO.....	04
DE PRÊMIOS, ARMADILHAS E OUTRAS COISAS.....	05
TUDO ACONTECE AGORA PELA PRIMEIRA VEZ,.....	06
MEDITAÇÃO À BEIRA DA MORTE.....	09
ALGUNS TEMAS ASSIM AO ACASO PARA FALAR DE UM ÚNICO ACONTECIMENTO.....	10
AUTOBIOGRAFIA LITERÁRIA.....	12
SE FOSSE ROMANCE.....	14
NO MEIO DO CAMINHO DE MINHA VIDA.....	16
VALE DO SOCAVÃO, Nº 2.....	18
POEMA UNGULADO, Nº 3.....	19
DE PRÊMIOS, ARMADILHAS E OUTRAS COISAS, Nº 2.....	20
POEMA DA CONSTATAÇÃO RETORNANTE.....	21
A VIDA É ASSIM.....	23
ARRANJO PARA MENSAGENS ELETRÔNICAS.....	24
ARRANJO PARA CONVERSAS TRANSEUNTAS.....	26
ARRANJO PARA SALA DE CONVERSAS.....	30
APÊNDICE:	
TRADUÇÃO LIVRE DE UM POEMA INEXISTENTE DE LYN HEJINIAN.....	34

**TUDO ACONTECE AGORA  
PELA PRIMEIRA VEZ,**

## VALE DO SOCAVÃO

No plano da montanha ensolarada,  
vario entre o livro e a paisagem.  
Os gaviões retornam pelas manhãs há mais de 40 dias.  
Não sei o que querem:  
a companhia de quem há meses não pronuncia uma palavra?  
a companhia de quem caminha pelas trilhas  
como gavião voando pelos ares? Não.  
Eles reparam em minha presença apenas para se recolherem,  
esquívos, na altivez — alheios a nada.  
Deixo restos de frango assado no tronco próximo à casa.  
Comem-nos.  
O vento bate em meu rosto,  
em minhas costas nuas e friorentas apesar do sol.  
Vejo a clareza límpida do dia,  
sabendo que sou outro, além do olhar.  
Algo se move em mim, impossível de ser visto.  
Algo se move em mim, impossível de ser escutado,  
cheirado, tocado, degustado... algo se move em mim,  
para o qual as palavras não se dispõem  
mas obrigam-me a dizê-lo, após meses de indiferença  
e mutismo. Tudo em mim, agora, é combustível:  
difícil ficar ileso aos verdes da manhã,  
ao trabalho diário, aos acontecimentos que,  
mesmo corriqueiros, me contaminam.  
Não há mais ninguém por aqui,  
e minha existência é viável.

## DE PRÊMIOS, ARMADILHAS E OUTRAS COISAS

E não adianta pensar em mudar de vida, comprar uma casa no campo, viajar por lugares exóticos, morar numa cidade ainda mais cosmopolita, ter filhos ou não tê-los, aposentar-se logo que possível... não, não adianta: a vida, a nossa espreita em cada esquina, unguindo os cheiros das distâncias, os planos da economia, a subida do dólar, o amparo da alegria, a visita dos amigos, a vida tem, a nossa revelia, seus prêmios e armadilhas para distribuir. Não, não adianta pensar em mudar de vida (todo lugar é Rio), mas viver a vida, vivê-la na cidade, no campo, no mijo, no mosteiro do himalaia, em ivolândia... dar aulas na universidade, publicar um livro sem leitores, vender imóveis alheios e depauperados. Viver, viver a vida, vivê-la a cada instante, subir seus picos, frios, no sol ou na noite, o da pedra do sino, o da bandeira, o kilimanjaro, e depois descê-los, aproveitar as madrugadas de peitos e vagina, de pêlos e pênis, o amor encontrado ou perdido, exercitando sempre, passo a passo, o vigor possível: em longas caminhadas, quem enxerga são as pernas.

## **TUDO ACONTECE AGORA PELA PRIMEIRA VEZ,**

mesmo o lixeiro varrendo a rua varrida ontem, antes de  
ontem, desde dois anos atrás,  
a vizinha tirando o carro da garagem, ou a outra  
ensaiando ao piano uma canção popular, tudo acontece agora  
pela primeira vez,  
este vento que tremula o toldo na varanda,  
o tempo cinza, o toque do telefone, o gato atravessando a rua  
no momento possível,  
a chaminé da clínica médica em constante atividade...  
Escrevendo estas palavras, não tenho o nome que tenho,  
tenho o nome do tempo que passa, o nome ausente, a  
ausência de qualquer nome. Não se pode caminhar  
duas vezes pela mesma rua, ele disse, não se pode caminhar  
nem uma vez pela mesma rua. Como escrever a terceira frase,  
a necessária,  
a que diria, enfim, quem e por onde...? A que diria, enfim,  
o que não poderia dizer. A que diria, enfim, que eu  
e ele somos a mesma pessoa, que somos ambos o  
inapreensível.  
A casa em que moro. A cidade que me habita.  
Nem ao menos a campainha tem soado, o carteiro não toca há  
alguns dias  
(os carros passam, para garagens residenciais  
ou públicas), o entregador da lista telefônica  
acaba de bater, desmentindo a frase mencionada (passa um  
homem vendendo cocada  
para os operários da obra ao lado. Eu,

operário da obra ao lado, compro uma cocada  
para meu filho), mas não atendo ao chamado.  
Para que ser importunado, para que tantos telefones,  
se não ligo ao menos para os amigos?  
Não lhes telefono por ter muito a fazer,  
ficar sentado no sofá, olhar as sombras da rua desenhando  
figuras na parede da sala, ora nebulosas, ora nítidas,  
tomar um copo de água para matar a sede  
que nem tenho ou por outro motivo qualquer que me escapa,  
não lhes telefono por ter a cabeça da mulher amada  
no colo, ao som de Cartola, João Gilberto e Pixinguinha,  
por ter de escutar a respiração indo e voltando  
feito o porteiro do prédio da esquina ao lavar os carros de  
moradores de toda a rua, subindo e descendo pela calçada  
ininterruptamente.  
As televisões ligadas na hora do jantar  
medem o tempo passando, arrastando-se,  
reprisam o velho acontecimento para descansar as pessoas  
do fato de que tudo acontece agora  
pela primeira vez, difícil suportar o fato  
de que tudo acontece agora pela primeira vez, inclusive  
essa reprise, o cheiro de feijão com lingüiça e toucinho  
pelas janelas, o radinho de pilha do segurança da rua  
narrando um jogo qualquer, os cantos diários do pavão por  
entre o sono, o vento e os parcos ruídos matinais... Nove de  
setembro,  
não, quatro de abril, também não, três de dezembro,  
pouco importa, talvez sejam dez mil duzentos e vinte e dois  
dias  
desde a data em que nasci, talvez o triplo, talvez a metade,  
tanto faz, há muito não sinto a secura no ar como a de hoje

(isso afeta a memória?), as plantas, antes verdes,  
amarelecem,  
necessário encharcar a terra do vaso duas vezes ao dia,  
espargir água em suas folhas, a secura, ao menos,  
é boa para os livros sempre úmidos neste apartamento colado  
na mata, boa para as páginas que terão o excesso enxugado,  
não mais colar-se-ão umas às outras, sim, eu agradeço  
a aridez por me curar da hidropisia, não precisarei  
me enterrar em um monte de bosta, quem quiser poderá  
folhear-me, sentir a porosidade do papel em suas mãos,  
ler as palavras que, seguindo o fluxo dos acontecimentos,  
se desdobram em mais um entre eles, com eles, como eles,  
acontecendo agora pela primeira vez, a sua frente, em torno  
e dentro de você,  
como continuará a cada encontro futuro.

## MEDITAÇÃO À BEIRA DA MORTE

Misturo-me a uma despedida. Quase nenhuma imagem — resíduo súplice do tempo — que ressuscite o mundo do qual me despeço, nem qualquer outra, que se atreva à feroz presença de uma ausência que me acata.

Não há mais litoral... Nenhum preparativo...

Nem medida para que se cobice a violência necessária.

Do lado de lá, em que sempre estive apenas pela metade, ao qual me desencaminho sem saber com que percentual de minha vida, nada. Nada. E quase nada do lado de cá, nas mais díspares ocorrências de hoje. Apenas o sopro,

último reduto que ainda me resta, resiste

na tensão do que falo, no negativo de minha própria voz.

Só terei o esquecimento de mim, esperando esquecer

até o esquecimento... Só terei o esquecimento de mim,

dos outros, da claridade que por tantos anos me ofereceu as

coisas. Corrijo-me: não terei nem mesmo o esquecimento —

quem sobrar para esquecer, senão a carnadura do mundo, os

que ficam, alguns pleiteando talvez a possível fenda da

memória? Eu poderei agora, enfim, alheio ao esquecedor

de que por tantos anos me vangloriei, ser ao menos

o esquecido... não ser. E não há nada a temer.

## ALGUNS TEMAS ASSIM AO ACASO PARA FALAR DE UM ÚNICO ACONTECIMENTO

Às vezes, temos de recomeçar do princípio, repetir a invenção das manhãs, das horas, das noites... De qualquer modo, ora recolho o olhar da lonjura, ora arremesso para lá o que resta de mim. Aprendo a lição rinocerôntica:

toda a máquina de carne acionada para a mesma direção.

Tantas maneiras de fazer poesia como de amar e viver: invente a sua, inventarei a minha. Quem sabe nos encontraremos perdidos pelo caminho, com a inebriante sensação de que poderia ter sido diferente. Ou de que não poderia, e continuaríamos perdidos e inebriados.

Ainda tenho dinheiro para algum tempo e um tanto de provisões na cozinha. Me locomovo a pé, ultimamente, como sempre preferi.

Voltei sim ao trabalho aquele dia, ou melhor, dois dias depois... por pouco tempo. Vi a eloquência do cansaço nos olhos de meus colegas, que se esforçavam, em vão, na alegria (os anos já os haviam derrotado).

Há muito, as palavras se abrem a minha frente, puxando-me. Sigo-as. Me acostumei à intimidade com a estranheza. Mas nunca me acostumei à ausência de intimidade com a estranheza. Por isso, vivo em sobressaltos.

Não me interessa mais a quantidade de vida despendida para comprar um carro, manter a cada mês uma garrafa de uísque na estante, mudar ininterruptamente os cinquenta canais da televisão. Não me interessa mais o preço a ser pago pelos cds que aprecio na calma das noites, pelos ônibus que

me levam a outros bairros e me trazem de volta (afinal, tenho pernas!), pelo frio programado que apazigua o calor quando excessivo. Não me interessa mais o preço a ser pago, com a intensidade de meu corpo, para enriquecer os que me pagavam ou até, se com sorte, eu mesmo. Compro, a preço baixo, a disponibilidade de meu tempo. Cansei-me de *me encolher na cápsula da civilidade*, com a solidez sufocante de seus tetos rente a minha cabeça. Entro, com os pés descalços, na cidade aberta — o que disseram ser minha humildade e ousadia, aumentando-as em muito, fantasiando-as, talvez. Acabo de largar o emprego, pelas palavras de um novo livro. Ainda tenho dinheiro para algum tempo e um tanto de provisões na cozinha.

## AUTOBIOGRAFIA LITERÁRIA

Se das águas que correm do chamado Rio,  
armazenam pedras, semáforos, blitz, informações estagnadas,  
coito interrompido, por outro lado,  
palavras líquidas  
me encharcam de marés, correntezas,  
rodovias desimpedidas, gozo de frases fluindo em direção às  
que transbordam do submerso, com suas sirenes,  
indetidas. Rio, lago, lagoa, baía... tantos nomes... tantos  
janeiros... na língua que falo, tudo é um só movimento de  
águas e trânsitos,  
o primeiro tempo inundando o último segundo,  
o murmúrio do mundo no discurso,  
a suja rasura da dúvida e da pergunta,  
na língua que falo, fala o percurso do primeiro susto, o  
sussurro da comunhão de tudo o que é raso com o fundo.  
Trago a nudez de nervos na língua de mil sons agenciados. E  
o que a língua não fala, falam os braços, pernas, buzinas,  
ondas, engrenagens... Não tenho leis, dizem,  
nem religião ou trabalho, dizem  
que, por isso, sou estranho,  
sim, sou estranho, abro palavras pelas ruas, ao lado de  
buracos, pelas farmácias, ao lado de remédios, pelos bancos,  
ao lado de cofres, pela vida,  
ao lado de vantagens, sim, sou estranho,  
recolho do mundo uns tiros de espanto,  
balas ferindo para fazer viver.  
Uma certa inquietude me conforma com esta estranheza,  
uma inquietude áspera, de instintos

entrelaçados ao pensamento, de começos coexistindo por todos os cantos, de errância permissiva de gerações, de construir o que, para ser habitado, tem de ser logo abandonado.

## SE FOSSE ROMANCE

Se fosse romance,  
começaria com dois rapazes brigando numa rua deserta,  
largando socos e desvarios, esquivando-se  
do peso alheio, comendo terra,  
expelindo sangue, um deles chegando, enfim, ao braços da  
namorada,  
aos braços dos curativos e do coração,  
enquanto o outro permaneceria deitado para o capítulo  
seguinte. Se fosse novela,  
poderia começar numa loja, em que a cliente,  
uma mulher solteira de 39 anos,  
aprecia uma secretária eletrônica  
imaginando a mensagem que deixará gravada para acolher  
seus amigos, imaginando recados que poderá receber  
(aquela voz rouca de Rodrigo gravada para sempre,  
a entonação íntima de Valéria acenando para a última  
noitada),  
e pensa estender o cartão de crédito imediatamente para o  
gerente da loja, lembrando-se, entretanto,  
dos gastos que já fizera este mês. Se fosse ensaio,  
começaria provavelmente tematizando a oralidade do carioca,  
ou seja, o modo dos habitantes da cidade do Rio de Janeiro  
acionarem suas frases ao contar uma história qualquer a  
qualquer outra pessoa,  
podendo, para dar um toque erudito ao estudo, remeter a  
Wittgenstein, mas o principal  
seria flagrar cortes e movimentos dessas falas, não as  
expressões utilizadas. E se fosse poema?

Se fosse poema, então, não teria dúvidas,  
acataria sua espontaneidade de querer ser o que não é (para só  
aí ser), e, ao invés de terminá-lo, convocaria você, leitor,  
ainda que com a ajuda de algum amigo, para continuá-lo.

## NO MEIO DO CAMINHO DE MINHA VIDA

... e como eu entrava no trem, distraído, e como seria longa a viagem, eu lia, e, como lia, eu estava distraído de todos que sentavam ao meu redor; estariam eles, meus vizinhos, também distraídos?, ou, por estarem em seu país, não podiam se distrair? Uma mulher, ao lado, disse: rodei o mundo inteiro, do japão à amazônia, da terra do fogo ao alasca, sabe para quê? Para fugir de mim mesma... mas agora estou parada, não tem mesmo jeito, não adianta fugir, e, se não adianta fugir, para que viajar?, é melhor ficar parada, agora, estou parada.

Eu escutava a conversa, distraído, e lia, e já não sei se lia nem se estava distraído nem se escutava a conversa nem se havia trem em que eu estivesse distraído nem, pior ainda, se algum mim havia, ou se, agora, é que, distraído, invento essa estória de trem, mulher, passado, viagem, invento a conversa no trem com uma mulher numa viagem do passado, e se eu invento isso, distraído, e se não tiver tido passado, se tudo for mesmo só vertigem, descubro-me a personagem da estória que pensara inventar (a mulher), o antídoto contra a fuga de mim mesmo e contra qualquer mim mesmo, descubro-me o semblante da paisagem no tempo, a invenção do esquecido, *um ato de fé,*  
*como pôr uma bomba ou atear fogo a uma cidade,*

a um país, a uma pessoa,  
descubro-me este esbarro no arroubo do imprevisto, aqui,  
neste quarto, neste trem de onde nunca saí — minha única  
viagem —, descubro-me, assim, poesia.

## VALE DO SOCAVÃO, Nº 2

Tudo que é do ar se movimenta: pombos, folhas, nuvens,  
pensamento... mas não tanto  
nem tão rápido assim. Tudo se movimenta  
morosamente, sem distração,  
com a cadência do que quer quase parar  
mas não pára, com a tensão  
do arrastar contínuo de um dia ensolarado  
sem a possibilidade da chuva para quebrar a monotonia.  
A vida, na parte rochosa de sua superfície,  
torna-se real e porosa, uma frase  
dita por ninguém, dita pelos vazios subterrâneos  
que ofertam as águas das alturas, filtradas,  
ao manuseio convergente da terra.  
Não vejo pessoas passeando pelo campo:  
os dias passam sem que alguém passeie pelo campo  
e esqueço-me de passear por mim.  
Não fosse a escrita, eu seria um tronco, um poste, um casaco,  
um par de sandálias, uma coisa qualquer sem palavras  
deixada a um canto... não fosse a escrita.

### POEMA UNGULADO, N<sup>o</sup> 3

Um rinoceronte galopou em teu coração, tremendo o tambor do desejo. Ninguém sabe de onde ele vinha, de que ares o seu cheiro, de que áfricas ousara partir.

Vinha sem passado ou viagem, contrariando regras, como a vida, aparecera ali mesmo, espontaneamente, atuando desde sempre imperceptível, tão habituado se mostrava em seu sísmico afazer.

Nós nos espantávamos: quantos mundos selvagens em nossas cavidades, quantas distâncias, incrustadas nas vísceras, teremos ainda de aguardar, temerosos!

Tudo o que era fixo se movia.

A dança do solo constringendo-me a novos passos, e eu não sabia dançar o ritmo que tentavas aprender (minhas pernas me obrigavam a te acompanhar).

O rinoceronte, um vírus em nossas quatro coronárias, ainda nos unia. Desta vez, em mim, era um estranho corpo impalpável, contra o qual, carne a não-carne, eu lutava, mesmo sabendo que iria perder. Digo: perder-me em mim mesmo, pois o que eu havia esquecido era que o rinoceronte pode aparecer galopando sem couraça nem chifres, sem patas nem toneladas, invisível no espelho que nos reflete, mas que, no fim das contas, além de ser ele, é sempre, sem nenhuma exceção, nós mesmos.

## DE PRÊMIOS, ARMADILHAS E OUTRAS COISAS, Nº 2

E não adianta pensar em se entregar ainda mais à vida, largar o emprego medonho, realizar o antigo sonho de ser o que se acredita ser, achando resolvido todo e qualquer problema. Não, não adianta: não somos a solução embolsada, mas isso de que jamais escapamos na busca do impossível horizonte. Somos a vida estendida entre o chão e o abismo, as variações aleatórias que ela mesma, a vida, nos distribui em prêmios e armadilhas, a velocidade com a qual, aturdidos, nunca nos acostumamos. Não, não adianta pensar em se entregar ainda mais à vida supondo baixo o preço a ser pago, mas de receber o que nos é a nossa revelia. Desconhecemos a salvação. Acabamos nos lançando, sim, a uma intensidade maior, e, desprotegidos, sob o risco constante de *você só tornará as coisas piores*, sob o risco constante do malogro, não vivemos da melhor maneira: mas da maneira possível.

## POEMA DA CONSTATAÇÃO RETORNANTE

Uma máquina de carne caminha por entre carros.  
O mar da cidade não protege essa máquina.  
Ela vai por entre o trânsito de outras máquinas,  
sem pensar que está sozinha,  
que pode ser esmagada por um leve susto  
de outra máquina. Essa máquina  
não pensa em nada — não precisa pensar em nada —,  
mistura-se a ferros, vidros, borrachas  
e parece agüentar qualquer rojão.  
Às vezes, penso que a máquina entre máquinas não precisa de  
proteção, desde que o motor de carne pegue pelas manhãs e  
funcione ao longo de todo o dia.  
Se é verdade o que às vezes penso,  
se é verdade que essa máquina não precisa de proteção,  
se é verdade que, custe o que custar, essa máquina não pode  
parar, tanto faz agora ser essa  
a cidade ou outra qualquer ou aquela ainda mais longe, tanto  
faz, se o mar não protege essa máquina,  
se essa máquina vai por entre o trânsito de outras máquinas.  
Essa máquina vai por entre o trânsito de outras máquinas  
de qualquer cidade. Essa máquina,  
que já não pode parar, que parece agüentar qualquer rojão,  
que às vezes penso não precisar de proteção, essa máquina  
paga um preço  
sem lembrar-se que paga. Mesmo as máquinas que não  
querem pagá-lo, as que fogem por novas ruas abertas na fuga,

as que sabem que habitam essa cidade com seus mares (e não outra), acabam pagando, mais cedo ou mais tarde, um preço — lembram-se, entretanto, que o pagam... Inquietamente, aceitam o adentrar de cada uma em seu quinhão.

**A VIDA É ASSIM**  
**(ou: NA CIDADE ABERTA, AINDA)**

## **ARRANJO PARA MENSAGENS ELETRÔNICAS RECEBIDAS POR MIM**

Escrevi isso num dia do qual nem me lembro mais. Já que estava tudo uma bagunça mesmo, resolvi mexer nuns mortos: ou talvez: enterrar cadáveres que estavam indigentes, por puro abandono meu, que não fui capaz de sepultá-los. Dizem que com a idade a gente fica mais forte. Como eu constato a toda hora, sou um bocado diferente da maioria dos mortais, o que acaba perdendo toda a graça, pela inconveniência da imposição. Minha natureza foi moldada certamente sobre um núcleo do qual o alcance me é negado. Devo aceitar essa natureza, mesmo não podendo deixar de me revoltar. Inevitável constatar também que é inútil qualquer tentativa de querer ser o que não sou. Caio na esbórnia com mais frequência do que deveria. Perdoe-me, no jogo de erros, a estranha sou eu mesma. Tenho tido tantas demandas sugadoras... e a gente ter que decidir a todo instante, a cada esquina que se dobra, dá um cansaço enorme e a falsa impressão de que somos donos do destino. Estou peregrinando por todos aqueles lugares horrorosos onde se fazem muitos exames igualmente horrorosos. Acho que a vida é uma ressaca que não passa nunca. Tenho um medo enorme ao meu lado. Não quero falar demais, já farejo a derrota no ar. Perdoe-me a falta de generosidade em lhe mandar um e-mail down. Não consigo outro tom, não sei mentir sem voz. Tem um dado novo que me ajuda a lidar com a situação em que me encontro, mesmo não me livrando de crises esporádicas: eu simplesmente não tenho outra opção agora. Andei bastante por Portugal e pela Espanha. São

Sebastião atravessou (feito uma flecha) o meu caminho. Eu o encontrei, mesmo sem esperar, quando olhei pelo buraco da fechadura de uma pequena capela de Coimbra, fechada e acesa. Me lembrei bastante de você. Dá para construir toda uma história com aquela imagem, você poderá acrescentar a contundência. Em vários momentos, pensei em lhe dizer como estava perdendo tempo com aquele emprego, mas essa era uma decisão que só você poderia tomar. Para se alcançar um objetivo na vida, é preciso abrir mão de muitas coisas e temos que tomar a decisão e você já escolheu seu caminho. Eu, que lido diariamente com doença, dificuldades afetivas e velhice, compreendo muito bem. A vida é assim, é muito curta, e tem que ser vivida. Encaminho uma forma de pensar e compreender as coisas. O que queria, de verdade, era ser um bom marceneiro junto à madeira ou qualquer perito junto a sua “coisa”, porque ouvia, no toca-fitas do carro, numa fita da Mísia, um fado em que a letra do José Saramago diz, num determinado momento: *Num recanto de silêncio/ Onde os gestos do pensar/ São as traves duma ponte/ Que não paro de lançar*. Fui às Paineiras de manhã cedo, estava maravilhoso. Essa caminhada me faz bem em muitos aspectos. O traumatizado galo branco já não estava. Talvez não faça grande diferença, não tenho muitas certezas, acho que ninguém nunca as tem, mas pelo menos não estou lutando contra o ritmo natural. Estou me sentindo um pouco mais inteira e firme no chão onde piso. Acho que o vendaval já passou, as coisas vão indo na normalidade do cotidiano. Tudo é tão misterioso que já aprendi: devemos apenas aguardar. Assim, retorno aos poucos à serenidade. O bom mesmo é que a vida retoma seu lugar comum, que a gente reclama, mas é onde podemos tentar sem alvoroço, no tempo que pode ser.

## ARRANJO PARA CONVERSAS TRANSEUNTES

... aí a gente começa a conviver com o perigo, e aprende a cair fora dele. Uma vez ou outra até que apetece. Camarada tem que estudar muito a mente de sua pessoa, tem que ter jogo de cintura. Meu colega é caminhoneiro. Ele foi pra São Paulo, quebrou a cara. Aí foi pra Bahia. Foi prum forró. Chegou lá, aquelas mulheres bonitas, e ele só tinha dinheiro pra ficar no caminhão. Aí é que o bicho tem a cara de ruim mesmo. Não tenho pressa pra chegar e olhar a cara da patroa. Quarenta anos a mesma cara. Muita coragem, aturar um diabo daquele quarenta anos. Eu correndo atrás do ouro e ela vendo novela. É sempre assim, Deus tira de um lado e põe no outro. Às vezes, não põe em canto algum. É todo dia isso, na forma do costume. De segunda a segunda. Ele chega do serviço, vai direto pra casa dela. Chega em casa uma e cinco da manhã, a rua deserta. De segunda a segunda. Um erro que acontece fluentemente. Eu vou falar com a mãe da menina: é melhor meu filho juntar seus podres com a sua filha. Aquele ali, coitado, vai morrer sem nunca ser o que queria ser. Pobre é teimoso, não morre não. Por favor, onde fica o hospital do coração? Era um preto de linha... aquela camisa alta, sapato bacana... Um preto de linha. Todo mundo olhando o negão, ele chegando de mão dada com a loura. Vê se pode? Era um preto de linha, de mão dada com aquele travesti. É tudo safado hoje em dia. Não se pode confiar. Quase enfiei a porrada lá em um, me chamou de maconheiro. Que maconheiro nada, era cigarro mesmo. Vê se eu vou fumar maconha em sala de aula! Enquanto ficarem em cima de mim, eu não tomo decisão nenhuma. Vocês vão ver, o tempo

passa, aí é que começa a doer. Eles não tinham nem casa para onde ir. Nem projeto. Você sabe o que é isso? De repente apareceu aquela casa maravilhosa. Aí as pessoas ficam mais tranqüilas. Dinheiro... dinheiro é difícil de ganhar, mas é muito fácil de perder. Você não sabe o dia de amanhã. Talvez eles estejam bem preparados. A gente tem que rezar assim: Senhor, obrigada pelo enterro do meu pai. São as coisas simples assim que eu gosto de saber explicar. Bem que meu pai dizia: quando as águas rolarem, aí de quem não se agarrar nessas pedras. E o cara falou, Deus é justo pra caramba. Vamos descer no sinal. A mulher atravessou a Praça Saens Peña, eu fui obrigada a falar: Seu filho é lindo, ele trabalha em tevê?... aah, a senhora está perdendo dinheiro. Está chovendo por tudo o que é lugar, menos na minha horta. E lá vou eu nesse pega pra capar. Aí, acabei batendo na casa da outra dona. Era muito trabalho. Tinha que fazer tudo devagar, senão no fim do dia ficava muito cansada. Cozinhas, lavava, passava, arrumava... era muito cansaço. Quando ela via que eu tinha acabado, que estava descansando, lá vinha ela: está fazendo o quê? Estou descansando. Aí ela vinha e inventava mais serviço. Só trabalha lá quem tem muita necessidade. Eu sei as músicas do Roberto Carlos todinhas... como é que eu sou maluca? Eu ia falar com ele, mas não adianta. Ele diz que não tem culpa no cartório, eu penso diferente. Quem tem essa visão não muda. Ele acha que tem que ter uma mulher em casa, uma mulher na rua. Eu gosto de resolver tudo quando venho para cá. Estou quase entrando num grupo de escoteiro, mas não sei, quando eu começar a trabalhar, não vou ter pique. Ainda tenho que cuidar da casa. Acordei às seis da manhã. Estava ouvindo meu pai lá no quarto com minha mãe... não sei o quê pra cá, não sei o quê pra lá... meu pai é

fogo. Tem que abrir a casa para arejar. A casa é isolada, não tem vizinho não. Você vê, quando era pra tomar tiro, eu não tomei... fui tomar agora, de bala perdida. Senti só um fisgão, um fisgão e muito sangue. Pegou a artéria. Pra você ter uma idéia, eu recebi quatro litros e meio de sangue. Quatro e meio ou cinco. Ficou uma poça imensa onde eu estava deitado. Me inclui fora dessa, aí! É eu, você e o neguinho, todo mundo que se conhece. Eu já não lhe disse quem é o homem?! Mas ele te trocou por aquele saco furado... Como diz minha prima: não adianta um só gostar, os dois têm que gostar. Deixa puxar, deixa. Lá em casa sobe direto. Sem ser esse domingo o outro, você dá um pulo lá em casa. É aquele mesmo esquema em que vocês foram a outra vez. Aí apareceu um padre, pra dar a extrema-unção no homem à esquerda do cara. O cara, todo fodido, virou o olho pra esquerda. Aí o padre foi dar extrema-unção no que estava à direita dele. O cara virou o olho pra direita. O padre foi lá: Meu filho, você acredita em Deus? O cara gemeu qualquer coisa que ninguém entendeu. O padre insistiu: Deus, meu filho... você acredita em Jesus Cristo? O cara ainda conseguiu falar: A essa altura, seu padre, eu acredito em qualquer porra. Não me interessa, você tem sempre razão, você acha que está sempre certo. Não adianta mais, você já perdeu a viagem. Você ainda não entendeu o problema. Vê como você pode administrar isso. Se você sabe, você devia ter feito isso. E o pior é que ela não tem nada. Eu já estava preocupado, aí ele chegou. Eu falei porra você trabalha aqui do lado e está atrasado! Quem caiu fora? Ela? Cruz credo... depois ela volta. É ruim dormir... é melhor dormir em casa. Tem dias que dá onze horas e ainda tenho que passar roupa. Vou dormir já é meia-noite. Era melhor ir pra casa. Dormir no trabalho não dá certo não. O

que eu queria mesmo era ir sexta pra casa. Eu sou sozinha. Não tenho filhos não. Mas o que eu queria era ficar dois dias inteirinhos em casa. Trabalhar sábado é muito ruim. Mas é o dia que ela faz a feira, então, tem que guardar tudo na geladeira, arrumar. Trabalho com ela há vinte e dois anos. A gente deve se entender, né? Eu já estou aposentada, mas ficar parada é muito ruim. A gente tem um dinheirinho pra comprar as coisas da gente, pra sair... Isso aqui é tão longe que se a gente morrer por aqui não vão encontrar nem a alma. Olha, daqui a pouco tem uma cirurgia. É aconchegante, rapaz, é de primeira. Não é o mundo que é pequeno; a classe média é que está cada vez menor. Só de escutar a voz dela, eu fico nervoso. Eu estou mais magro mesmo. Essa preocupação com o vento, com as folhas... varro a rua todinha, quando acabo, já está toda suja de novo. Quando tenho que parar, é só darem o sinal que já estou saindo. A vida está difícil pra todo mundo. Está muito cedo ainda pra gente chegar a uma conclusão. Já sei, preciso pedir a alguém com a mente aberta: não deixe que a cultura abafe a realidade.

## ARRANJO PARA SALA DE CONVERSAS

Faz parte do aprendizado... só aqueles que são capazes de sentir com o coração, e não com o bolso, são os verdadeiros vencedores. É uma forma irônica de falar dos prejuízos. Até que enfim alguém diz algo que merece a conta do telefone. Você fica falando com um monte de gente ao mesmo tempo, aí perde o mais interessante. Além de viver, cinema, sorvete, leitura, música, algodão-doce... e você? Nossa família já é grande, fora ainda os agregados do mundo. Com esse papo de velas, ando superdistráida dos acontecimentos. De qualquer forma, a experiência foi boa. É um vício maldito, mas sou feliz assim. O nosso papo sobre a vida vai ter que ficar para depois. Eu me vejo, de fato, numa sala, sentada entre todos, e, portanto, falando com todos. Esse é o grande barato (uma opinião muito particular, é claro)! Se eu fosse você, ficava bem longe dela, é contagioso. É bom deixar o povo ver você entrar e sair do reservado bem composta. Essa gente é linguaruda, você sabe. O meu cérebro está numa piscina. Foi o tempo que perdeste com a tua rosa que fez a tua rosa tão importante, ou, se queres um amigo, cativa-me. Como eu já disse antes, você é muito engraçado. É a primeira vez que eu entro, mas estou sentindo que assim é legal, assim mesmo como você está falando, dá um certo frisson conversar com várias pessoas ao mesmo tempo. Já está mais do que resolvido. Muito cansativo, porém essencial. Não sei do que está falando. Fica alimentando as idéias dessa doida, fica... só porque ela está grávida, fica provocando. O importante é a gente fazer o que nos deixa felizes, mesmo se for um vício. Sim, um caminho que não seja inventado, um caminho que

parta de um fato, de um acontecimento, de uma evidência real. Sim, um caminho bem direcionado, mas não revelado totalmente. Gosto de sair bastante, comprar roupa e muitas outras coisas. Fique a vontade para se expressar a respeito da minha pessoa. É preciso ter cuidado, nossas asas são de cera. Com um pouco de paciência, podemos tentar. No mesmo dia em que eu vim para cá. Sabemos a que estamos sujeitos nesse mundo onde a ignorância e o desespero imperam. Entra aí a massificação. Considero até mais importante. Um encontro de dois seres que não se conheciam, mas passaram a se conhecer. Na verdade, esperamos uma sugestão. Agora está meio sem saída, está faltando motivação. A prova é muitas vezes comprovada durante a vida, no âmbito pessoal. De vez em quando gosto de variar. A quem gosto, acabo sempre me identificando. Alguém imagina quanto tempo ela leva para escolher uma roupa? Rola de todos os assuntos. Eu sei, mas também penso em planejar um futuro lado a lado com ele, senão fica tudo muito teórico. Bem compreendo o teor de suas palavras. Costumo fazer o que tenho vontade. Não precisamos explicar. Houve aquele ritual característico da macarronada de domingo? Espero que não tenha deixado cair o copo. Com um pouco de paciência, podemos tentar. Eu não esquento pra essas coisas não, foi por pura curiosidade. Aqui não se pede desculpas, a gente vai falando com todos. O mais interessante seria ficar no meio do caminho. Viu só como eu tenho você em boa conta! A gente brincou tanto da última vez, que não me lembro de ter te perguntado o que fazias. Meu irmão, estou trancado aqui no meu escritório e não sei não, mas com a mudança do tempo deve estar dando uns porradões. Não surfo mais, mas com o sudoeste sempre rola umas porradas. Já me disseram isso. Pronto. Eu já disse que

não é questão de paciência, é questão de suportabilidade e sobrevivência. A gente deixa uma plaquinha pendurada nessa. Por favor, alguém começa por mim, eu já percebi que fico mais criativa quando sou estimulada. Eu estou tentando ser diferente do anormal. Não estamos falando de nada muito específico. O melhor mesmo é viver um dia por vez. Nossa, me desculpe se eu não prestei atenção na sua mensagem. Já perdi a conta. O que importa a idade? O que vale é o charme. Esse é um assunto em que muitas vezes tememos de pensar. Difícil esperar. É difícil viver num mundo assim, mas é desafiante enfrentar tantas dificuldades. Aqui a regra é assim... você entra no meio dos assuntos... pode entrar nas conversas... ninguém se importa. Eu o conheço de chapéu, de cumprimentar, digamos assim. Ah, tá, vaso ruim não quebra. Eu estava pensando exatamente o contrário. Espero clarear mesmo. Tua resposta não diz muito. Com certeza, existe a possibilidade de dar sentido, de responder o que pensamos das coisas. Bonita, legal, inteligente! Vamos pular essa parte, eu não tenho muita paciência para essas perguntas. Por nada, é que eu estou lembrando das coisas aos poucos. Vou acabar com esse duplo sentido. Você prova que milagres acontecem! Valeu brother, mas não vou à praia hoje. Não se sabe realmente, nunca se vai saber. Matando o tempo. De vez em quando, dá só um pouquinho de medo para ser vivo. Já vai acontecer o entra e sai até conseguir a corzinha diletta. Só quando ela ficar vermelha. Uma mudança de padrão, de estado físico, de sentidos. Ela se dá, geralmente, num âmbito pessoal. Realmente, isso dá pano pra manga. A propósito, não pense o senhor que eu sou submetido a modas... pelos padrões da sociedade, sou considerado diferente, a sociedade me rotula como grunge, avesso à moda. Não que eu tenha o

intuito de querer dizer algo com isso. Admita que você é em demasia. Haja resignação. Não! Não aceito! Não tem mais volta. Vamos, então, mostrar pra essa gente como é que se faz.

**APÊNDICE:**

**TRADUÇÃO LIVRE DE UM POEMA INEXISTENTE  
DE LYN HEJINIAN**

Comece aqui, para aprender a gostar de uma perda.

O segundo programa que fiz com a mulher com quem casei foi ir ao circo.

No fundo, somos todos mais ou menos iguais.

O cheiro azul da praia invadiu os olhos da menina.

A campainha tocou antes das sete, não sabia se a havia escutado ou não.

A mudança mais difícil ocorre quando é necessário permanecer, apenas os frágeis fogem pelo caminho mais fácil.

Ao longo daqueles meses de viagem, os três abriam os olhos exatamente no mesmo momento.

Procure manter o coração bem quente, mesmo em situações glaciais.

O que está acontecendo na casa em frente não é obra, mas tem alguém martelando um prego.

O prato quebrado na festa fez um barulho imenso.

No fundo, somos todos inteiramente diferentes uns dos outros.

Ele ensinava a *Bíblia* a sua patroa. Muito poucos sabiam que *Bíblia* era a lição maior: o nome de seu porrete.

O escudo saiu da fundição cheio de defeitos, parecia um verdadeiro achado arqueológico.

A frase incomparável de um acusado na boca dos jornais: *Nunca matei um sapo sequer, o primeiro ser vivo que matei foi minha mãe.*

Às vezes, caminho apenas por uma rua; outras, por duas ao mesmo tempo.

O azul da manhã desponta na buzina de um carro.

Cinquenta reais, às vezes, fazem a diferença.

Está escrito em um outdoor que o gol é o orgasmo múltiplo do homem.

Tem muito mais carros na cidade do que palavras; incrível como ninguém nunca pensou isso antes, pelo menos de maneira tão explícita. Incrível também como se pensa qualquer coisa quando não se focaliza apenas uma.

O livro de Clarice, comprado num sebo, tem esparadrapos cobrindo frases e colando umas páginas às outras.

No fundo, ninguém sabe se é mais ou menos igual ou inteiramente diferente dos outros.

Há tanta perdição em sua vida que lhe deram uma bússola de aniversário.

Palavra dita e pancada dada não se tira.

Muitos helicópteros sobrevoam o Corcovado em dias de sol; isso irrita um morador da rua.

As lanchas da infância acabaram de cair por detrás do oceano.

A orquídea nunca mais floriu; em compensação, as flores de maio dão duas vezes por ano e as bromélias já estão na quarta geração.

O latido de um cachorro não é mais nem menos do que o latido de um cachorro. Até ter escrito isso.

O telefone disparou essa manhã.

As frases, como as pessoas na multidão, vão se esbarrando. Então, o latido de um cachorro é e não é o latido de um cachorro.

Hoje na feira o preço do tomate estava significativamente mais baixo.

Uma réstia de sol para amenizar o frio.

Sem que ninguém peça, eles vão aparecendo por tudo quanto é lugar.

Os velhos sonhos do centro...

No fundo, essa coisa de querer saber se somos todos iguais ou inteiramente diferente uns dos outros deve ser uma grande bobagem.

Uma cumplicidade não afetada.

Vou dizer agora: isso aqui é apenas pro grupo de risco da liberdade. Contamine seu parceiro.

Faça o que quiser e não pentelhe ninguém.

Se aquela fumaça estivesse mais alta, bem que pareceria uma nuvem.

Lá longe, por detrás dos prédios, está passando uma ambulância.

Ele, que não se casou e não teve filho, está pensando em comprar um cachorro. Ela, que se casou duas vezes, tem filho e cachorro, garante que é a melhor solução.

*As palavras me fogem... as palavras me fogem...*

O mendigo dormindo ali na esquina reinventa seu corpo, trazendo uma espuma amarrada nas costas e uma garrafa de guaraná como antolhos.

Os deslocamentos às vezes coincidem.

Como quem dobrasse a São Clemente e entrasse pela Presidente Vargas.

Pensar, é a vida que fornece, sempre.

Reclamou que alguém era muito profundo; vai ver tinha até razão.

Isso concerne a qualquer um, danifica somente as coisas já defeituosas.

Dias depois, lhe escrevi uma mensagem dizendo que não fui à leitura pois havia um jogo importante. Ela ficou uma fera:

*O que será da poesia se os próprios poetas se encontram no Maracanã?*

## LIVROS PUBLICADOS:

### Poesia:

*Na cidade aberta*. Rio de Janeiro: Ed. U.E.R.J, 1993

*Escritos da freqüentação*. Rio de Janeiro: Ed. Paignion, 1995.

*A fronteira desguarnecida*. Rio de Janeiro: Ed. Sette Letras, 1997 (Obra vencedora do *Programa de Bolsas para Escritores Brasileiros com Obra em Fase de Conclusão*, da Fundação Biblioteca Nacional - Ministério da Cultura, na categoria poesia, em 1996).

*Ecometria do silêncio*. Rio de Janeiro: Ed. Sette Letras, 1999.

### Organização de livro:

*Poesia(e)Filosofia; por poetas-filósofos em atuação no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Sette Letras, 1998. (com Adélia Prado, Alberto Pucheu, Antonio Cicero, Fernando Santoro, Marco Lucchesi, MD Magno, Orides Fontela e Rubens Rodrigues Torres Filho).